

# GRUPO CORPO

## Santagustin

(estreia: 2002)

coreografia: **Rodrigo Pederneiras**

música: **Tom Zé e Gilberto Assis**

cenografia: **Paulo Pederneiras e Fernando Velloso**

figurino: **Ronaldo Fraga**

iluminação: **Paulo Pederneiras**

O tema central de *Santagustin* é o amor, mas um amor longe dos ideais românticos. O que predomina na cena é o humor, influenciado pela cultura pop, agridoce, muitas vezes crítico, mas nunca cético ou cínico, pois o amor está mesmo em cena.

A coreografia de Rodrigo Pederneiras já causa algum estranhamento pelo título. *Santagustin* é uma corruptela à mineira de Santo Agostinho, mas o balé também não deriva dos pensamentos e das *Confissões* do filósofo dos séculos IV e V. Tom Zé é que estava com ele na cabeça enquanto criava a trilha, por causa do contraste entre a vida desregrada do santo antes da conversão ao cristianismo e seu combate aos prazeres da carne depois. Uma tensão que interessava ao compositor, que em seu trabalho buscava “harmonizar coisas inarmonizáveis”, polos tão distintos quanto os da vida do pensador. A tensão interessou também a Rodrigo, que na coreografia desfiava contrastes. Foi assim que eles se apropriaram conceitual e linguisticamente de Santo Agostinho.

### *Passos eróticos, divertidos e paradoxais*

Rodrigo não se lembra de nenhuma coreografia sua em que o erotismo estivesse tão presente. Mas, na maior parte do tempo, é um erotismo brincalhão, com o humor que permeia todo o espetáculo. “Nossa ideia neste trabalho foi rir do amor, descontar o que ele faz com a gente fazendo com ele as mesmas coisas”, diverte-se Rodrigo. “O amor nos põe em situações ridículas e dolorosas, e o paradoxo está em que ele, às vezes, nos dá uma força absurda para fazer coisas, mas em outras nos deixa extremamente fragilizados.”

Há dois *pas-de-deux* na coreografia que ilustram bem esse paradoxo. Eles são embalados por melodias românticas que surpreenderam ao próprio Tom Zé, que as compôs (assim como toda a trilha) em parceria com Gilberto Assis: “Nunca pensei que eu fosse capaz de fazer melodias. O normal é ser romântico quando se é mais jovem, mas acho que eu estou descobrindo o romantismo aos 65 anos.” Os duos, um deles feitos por homens, contrapõem delicadeza e violência,

movimentos bruscos contrastando com a música suave, atração e repulsa. Nada exatamente romântico. Nada exemplarmente harmônico. Como o amor.

A imagem que se tem do Corpo como uma companhia que busca a beleza acima de tudo se esfacela nesses duos e em muitos outros momentos de *Santagustin*, algo que agrada a Rodrigo. “Não gosto dessa imagem, a busca da beleza é apenas um dos elementos do trabalho”, diz ele. Cenografia e figurinos reforçam a despreocupação com o belo e a busca do humor valendo-se de signos banalmente associados ao amor. Com sua imagem projetada numa tela em que ganha efeitos de terceira dimensão, um grande coração rosa de pelúcia, de cinco metros e meio de altura, ocupa o fundo do palco, no qual os bailarinos dançam com figurinos em que predominam as cores verde e rosa, criados pelo estilista mineiro Ronaldo Fraga.

“É um visual bem-humorado, desmistificando a dramaticidade dos desencontros amorosos”, conta Fernando Velloso, que divide a cenografia com Paulo Pederneiras, também iluminador do balé e diretor artístico da companhia. “O coração é um signo banal, mas, usado numa dimensão extraordinária, numa escala em que as pessoas não estão acostumadas a vê-lo, provoca reações diferentes, uma estranheza”, assinala Paulo.

Além do visual, *Santagustin* tem um início diferente de tudo o que o Corpo já fez: em vez de primeiras notas de uma composição, ouvem-se sons de telefone e outros ruídos bem contemporâneos. “Estes sons estavam em outro momento da trilha, mas eu pedi para eles ficarem no início. Nada mais impessoal do que um barulho de telefone enquanto casais se abraçam”, conta Rodrigo, que escalou uma bailarina para dançar sozinha, desconectada, em meio a esses casais, dando a partida na série de desencontros que atravessam as sete partes do balé.